



# A CASA DO MAGO DAS LETRAS

## LIVROS ELETRÔNICOS

[www.lpbaçan.net](http://www.lpbaçan.net)  
[www.portalcen.org](http://www.portalcen.org)  
[www.viladasartes.org](http://www.viladasartes.org)  
[www.avllb.org](http://www.avllb.org)  
[www.perolaparana.net](http://www.perolaparana.net)

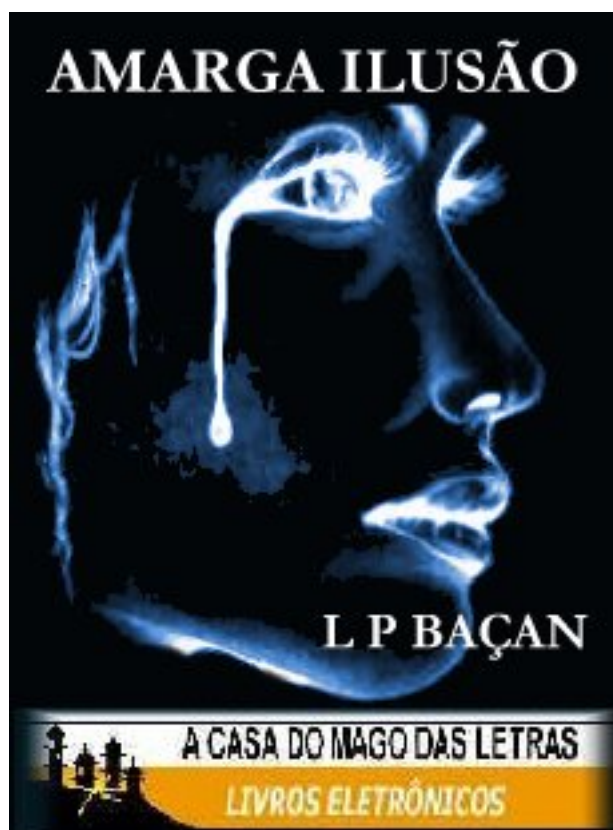
*L P Baçan*

**Direitos exclusivos para língua portuguesa:**

**Copyright © 2007 L P Baçan**

**Pérola — PR — Brasil**

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



## CAPÍTULO 1

Aquele sonho vinha se repetindo desde há muito. Reni passou a mão pelos olhos antes de espreguiçar-se languidamente. Pela cortina entreaberta da janela penetrava um princípio de claridade da manhã.

Consultou o relógio. Ainda lhe restava pouco mais de uma hora de sono, antes de ter que se levantar. Espreguiçou-se mais uma vez, apanhou um cigarro sobre a mesinha ao lado da cama e acendeu-o.

As imagens do sonho voltaram a dançar ante seus olhos que fitavam a fumaça azulada que subia e desaparecia no ar. Como explicar aquele sonho? Algum prenuncio? Alguma frustração?

A idéia da frustração agigantou-se em seu cérebro. Analisou-a, mas tinha que afastá-la. Afinal uma jovem de 23 anos, com um bom emprego, em que poderia se sentir frustrada? Mas a imagem era por demais nítida e se repetia com insistência, noite após noite.

A cinza do cigarro caiu sobre o cobertor fazendo-a levantar-se rapidamente para tirá-la dali. Reclinou-se novamente, mas seus pensamentos voltaram para uma conversa que tivera há alguns dias com seus namorado. Ele a havia convidado para uma viagem à Bahia, sozinhos. Reni não aceitara por causa do serviço.

— Talvez você consiga alguns dias de férias, não custa tentar — insistiu ele.

Roberto, seu namorado, era um jovem e dinâmico engenheiro recém-formado. Habitara-se a um concurso e conseguira aprovação. Ia fazer um estágio e aproveitar para um passeio. Seus olhos negros a olharam insistentes e suplicantes.

— Mas é tão difícil — respondeu ela. — Não haverá ninguém para me substituir lá na faculdade. Meu trabalho de secretária ficaria todo acumulado. Além disso, há o problema dos expedientes diários, não há mesmo possibilidade, meu amor.

— Não me agrada nem um pouco deixá-la sozinha.

— E não me agrada também deixá-lo solto entre as baianas — disse ela, fazendo charminho.

— Ciúmes?

— E por que não? Você é simpático, atraente, sexy. As mulheres não lhe resistiriam.

— Diz isso por experiência própria?

— Sim, como todas as mulheres...

— Não, você não é como todas — falou ele, segurando-lhe o queixo. — Você é especial para mim.

— Eu o amo, Roberto.

— Querida...

Levantou o cigarro, sentindo em seus lábios o calor do beijo que ele lhe dera na noite anterior, quando se despediram no aeroporto.

Levantou-se e foi até a cozinha preparar o café. Enquanto a água não fervia, dirigiu-se ao quarto da amiga, com a qual morava.

— Sandra, já está quase na hora de se levantar.

A outra resmungou, virou-se na cama e continuou dormindo.

Reni foi até a janela e abriu a cortina. A claridade do dia já era mais definida. Olhou a rua embaixo: carros e pessoas a se movimentarem. A cidade estava acordada.

Olhou para a amiga, ainda deitada, mas agora com o travesseiro cobrindo os olhos.

— Vamos, vamos, não seja preguiçosa! — insistiu Reni, retirando o travesseiro e encarando a amiga.

— Não sei como você agüenta levantar cedo — disse a outra. — Para mim, está é a melhor hora para a gente dormir.

— Se você fosse uma genuína filhinha de papai e não precisasse trabalhar, eu não me importaria, cara amiga. Acontece que o trabalho nos espera. Vamos.

Enquanto a amiga se vestia, Reni terminou de preparar o café e arrumou a mesa. Estava comendo alguma coisa quando Sandra veio sentar-se ao seu lado.

— Não se esqueça que hoje é sábado. De amanhã em diante começa seu turno na cozinha, estamos combinadas? — disse Reni.

— Mas já? Nem parece que já se passou uma semana desde que fiz o último jantar.

— Mas já se passou. Algum programa especial para hoje?

— Ainda não sei. Augusto ficou de me apanhar à noite para irmos a algum lugar. E você, o que vai fazer?

— Ainda não sei. Roberto viajou a Bahia. Vai fazer aquele estágio de que lhe falei.

— Ele conseguiu o primeiro lugar?

— Sim, primeiro lugar.

— É um rapaz muito inteligente... Quer dizer que você está sozinha?

— Por duas semanas inteiras.

— E você o deixou ir sozinho?

— O que você queria que eu fizesse? Não posso deixar meu emprego assim sem mais nem menos. Você sabe muito bem como são esses trabalhos de secretária. Todos os dias aparece uma nova bomba para você resolver. E depois, foi tudo tão rápido. Não havia condições de conseguir uma substituta para o meu lugar.

— Uma viagem à Bahia não é coisa que se despreze.

— Também acho.

— O que vamos fazer à tarde?

— Que tal se a gente fizesse algumas mudanças nesse apartamento. Já estou cansada de vê-lo assim. Nós poderíamos fazer umas almofadas novas para os sofás, você poderia pintar alguma coisa para enfeitarmos a sala, o que acha?

— Boa idéia. Vamos começar já. Antes de mais nada, você vai lavar a louça do café. Depois, antes que você saia para o trabalho e eu também, vamos fazer uma relação de coisas que poderemos comprar, certo?

— Certo. Você não poderia convidar o Augusto para nos ajudar com os moveis?

— Sim, vou fazer isso. Ao meio-dia, quando sair do escritório, passo pela faculdade para apanhá-lo, esta bem? Já que não temos expediente à tarde vamos tomar um lanche rápido e fazer compras. Mas primeiro a louça, mocinha. — finalizou Sandra, retirando-se sorridente e faceira para seu quarto.

\*\*\*

Renato terminou de calçar o tênis surrado, acendeu um cigarro e saiu, fechando a porta silenciosamente. Desceu a escada e dirigiu-se à cozinha. Os outros inquilinos já estavam lá. Todos pararam de comer para olhá-lo com curiosidade. Suas roupas espalhafatosas, sua bolsa toda cheia de penduricalhos e seus modos destoavam completamente dos modos das outras pessoas que estavam ali reunidas.

D. Rosa a proprietária daquela pequena pensão familiar, surgiu à porta com um bule de leite fumegante.

— Pode sentar-se ali, Renato — disse ela, apontando-lhe um lugar.

O jovem sentou-se um tanto constrangido. Morava ali há pouco tempo. Vinha de uma das muitas cidades que circulavam a grande Londrina. Era órfão e tivera na sua juventude, alguns problemas com a lei. Estava tentando conseguir um emprego que se coadunasse com seu temperamento e enquanto não o conseguia, vivia de pequenas peças de artesanatos.

Os jovens que o acompanhavam à mesa eram, na maioria, estudantes, bancários e funcionários de loja. Ao todo eram doze pessoas. Renato era a décima-terceira à mesa.

Silenciosamente o rapaz começou a comer. Um jovem a sua frente olhou ao seu redor, contando mentalmente.

— Ei, sabem o que descobri?

— Ai vem o Jorge com suas brincadeiras de novo — resmungou um outro.

— Desta vez é sério. Descobri que somos treze agora na mesa. Isso dá azar, sabiam?

— Que azar, que nada — disse um bancário.

— A história registra inúmeros casos que comprovam a veracidade desta superstição — observou um estudante, sem levantar a cabeça.

— Será? Bobagem — afirmou outro.

— Bobagem coisa nenhuma — voltou a dizer Jorge. — Parece-me que o rapaz que chegou agora é que é o azarado.

— Tem um provérbio que diz: "quem acredita que uma ferradura dá sorte, tem a mentalidade suficiente para usá-la no pé" — disse ele, agressivamente.

Alguns riram nervosamente, outros gargalharam. Jorge corou até a raiz dos cabelos. Suas mãos tremeram ligeiramente quando levou a xícara aos lábios. O tom de voz de Renato, que ainda continuava de cabeça baixa, a precisão com que suas palavras atingiram o alvo fizeram com que Jorge esboçasse uma ligeira risada que não chegou a se concretizar.

— Parece que o Jorge levou o dele direitinho, não acham vocês? — falou um dos rapazes.

— Ei, Jorge. Você acredita em ferraduras? — perguntou outro, rindo.

— Está bem, está bem, foi tudo uma brincadeira, desculpem-me — finalizou Jorge, levantando-se.

Renato terminou seu café e já ia sair. Estava quase à porta quando lhe trocaram o ombro.

— Gostei do jeito como você derrubou o Jorge. A gente andava saturado das brincadeiras dele. Meu nome é José Luiz. Se você precisar de alguma coisa, pode contar comigo.

— Eu não fiz aquilo por mal, acontece que não gosto que me menosprezem — respondeu Renato.

— Você fez bem. Vai para algum lugar?

— Sim, acho que vou até o centro.

— Quer uma carona? Estou de carro — ofereceu o outro.

— Ótimo, vou aceitar.

\*\*\*

Kátia, como era conhecida a garota, desceu do ônibus e ficou na calçada, sem saber para que lado ir. Fazia parte de um grupo de jovem que estava acampado às margens do Lago Igapó. Pretendiam seguir viagem para o sul, montar uma pequena comunidade de jovens.

Passou a mão pelos longos cabelos e interpelou um transeunte!

— Ei, moço. Pode me informar onde tem uma loja de tecidos por aqui?

— Loja de tecidos? Creio que seguindo em frente umas duas quadras, você vai encontrar diversas lojas.

— Obrigada! — respondeu ela, sorrindo agradavelmente.

Era jovem, pouco mais de dezoito anos, cabelos louros e longos até quase a cintura e olhos verdes e profundos. Seu sorriso deixava à mostra uma fileira de dentes alvos e perfeitos. Duas covinhas se formavam nas maçãs do rosto quando sorria.

— Não deseja mais nada, beleza? — perguntou o rapaz ainda parado a sua frente.

— Sim, recomendações à mamãezinha — disse ela, afastando-se.

Caminhou algumas quadras e parou em frente da loja. Os balconistas a fitaram curiosos. Ela vestia uma calça de brim toda manchada e uma túnica branca cheia de desenhos.

Ela entrou resoluta e perguntou ao primeiro balconista que a atendeu:

— Posso ver as cores do brim e da mescla que você tem por aí?

— Brim e mescla? Acompanhe-me, por favor.

Pouco depois ela estava às voltas com uma verdadeira montanha de peças de tecidos, olhando um por um, indecisa.

— Posso saber para que você deseja o tecido?

— Para fazer bolsas. Nosso grupo resolveu transar agora de bolsas, sabe?

— Bolsas? E dá para fazer bolsas de tecidos assim?

— Moço, dá para fazer qualquer coisa com qualquer material. O negocio é ter a cuca livre para botar o que se fazer. Depois, é só botar a criatividade para fora e pronto.

O rapaz ficou sem resposta, mas apontou alguns dos tecidos, mostrando a ela a durabilidade, a espessura e tudo mais.

Ao final, a moça resolveu-se por alguns e mandou cortar alguns metros. Quando saiu da loja, percebeu um rapaz olhando simpaticamente para ela. Pelas roupas e pela aparência podia-se dizer que pertenciam ao mesmo grupo, mas ela não o reconheceu. Olhou-o também e notou nos olhos dele uma tristeza profunda. O rapaz sorriu levemente e se afastou. Kátia ficou sem saber o que fazer. Havia nele alguma coisa que se identificava com ela, embora não pudesse reconhecer no momento. Decidiu-se. Caminhou atrás dele até alcançá-lo.

Renato assustou-se ao vê-lo ao seu lado, mas não disse nada. Ela tomou a iniciativa.

— Ei, não o conheço de algum lugar?

— De onde você é? — perguntou ele, continuando a andar.

— Sou do Rio, carioca...

— Então não nos conhecemos. Sempre morei por estas bandas daqui.

— O que faz?

— Eu? Eu tento sobreviver. Não é isso que todos fazem? — perguntou ele, após parar de andar e encará-la.

— Certo, certo. E agora, o que você vai fazer?

— Estou andando por aí, só isso. Preciso arrumar um trabalho...

— Está desempregado? Mas você não tem aparência de que... Bem, quero dizer, você não tem aquela aparência convencional de um funcionário qualquer.

— Por enquanto sou o que eles chamam de hippie.

— Ei, legal. Você não quer transar com a gente?

— Com a gente? Quem é essa gente?

— Somos um grupo de jovens, estamos acampados às margens daquele lago lá no outro lado da cidade, sabe onde é?

— Sim, eu sei. E vivem de quê?

— Somos livres, livres de horários, de compromissos, de regras.



— E vivem de quê?

— Artesanato. Nossa turma faz uma montanha de coisas. Você precisa ver. Não quer ir até lá?

— Eu também estou transando essa de artesanato, mas só por enquanto. Quando conseguir um bom emprego vou largar tudo isso.

— O que você sabe fazer?

— Tudo. Com um monte de ferro-velho eu construo o que você pedir.

— Escute, venha comigo. Vamos até aquele barzinho ali, conversar. A gente parece ter muita coisa em comum.

— E o que vamos conversar?

— A gente descobre, venha comigo — disse ela, tomando-o pela mão e arrastando-o até o barzinho.

## CAPÍTULO 2

Reni saiu do prédio e acenou alegremente para os acupantes do carro parado ao portão. Aproximou-se sorridente. Sandra e Augusto a aguardavam.

— Puxa, ainda bem que você conseguiu um precioso auxiliar para nós — disse ela, em tom de brincadeira à amiga.

— Não foi difícil convencê-lo, Reni. Sabe, tenho meus métodos pessoais — respondeu Sandra, beijando o namorado carinhosamente no rosto.

Reni entrou no carro, ocupando o banco traseiro. Sandra e Augusto viraram-se para trás para perguntar:

— Onde vamos primeiro?

— Primeiro à aquela loja de tecidos... Não, primeiro vamos comer alguma coisa. Que tal uma pizza lá no Shopping Center?

— Legal, Augusto. Vamos lá. Poderemos dar uma olhadinha naquelas lojas. Talvez a gente encontre alguma coisa interessante para o nosso apartamento.

— Isso é que eu chamo de verdadeira mudança — falou o rapaz rindo, enquanto punha o carro em movimento.

Pouco depois ocupavam uma das mesas de um restaurante junto ao famoso centro de compras. O garçom veio atendê-los. Pediram aperitivos, vinho e uma pizza.

— Acham que terminaremos tudo isso ainda hoje? — indagou Augusto, assim que o garçom se afastou.

— Depende de como trabalharmos. Primeiro vamos mudar todos os móveis de lugar. Depois vamos cuidar dos enfeites. Temos que comprar uma porção de coisas.

— Que tal se a gente fizesse uma festinha para reinaugurar o apartamento — propôs Augusto.

— Festinha? Sabe que não é má idéia, querido — concordou sua namorada. O que você acha, Reni?

— Fazer uma festinha hoje?

— Não precisa ser hoje — disse o rapaz.

— Uma festinha... Não sei se daria pé...

— Não sei porque você está indecisa, Reni.

— Diga então, Sandra.

— Você não gostou da idéia porque Roberto está viajando...

— Isso não vai ser problema. Posso convidar uma porção de amigos que se encarregarão de substituir Roberto — propôs Augusto.

— Roberto é insubstituível para mim — respondeu ela, pomposa.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

